

Personagens:

Mariano: Rapaz de espírito inventivo e ideias avançadas que tenta desenvolver seus projetos.

Julia: Filha de Vidigal é apaixonada por Mariano.

Caio Matubaré: Vem do futuro e se passa por escravo.

Zézinho: Garoto que faz diversos serviços. É do futuro também.

Ana: É viajante do tempo e se faz passar pela dona de Matubaré.

João: É o chefe da expedição do tempo. É quem ajuda diretamente Mariano.

Vidigal: Chefe máximo da polícia e dono da Justiça.

Abílio: Braço direito de Vidigal e pretendente de Julia.

Albuquerque: Pai de Mariano

Hortência: Mãe de Mariano

D. João

D. Maria

Carlota

Corte

Povo

Escravos

Guardas

Saldanha: um guarda que tomará o posto de Abílio.

Cenários: Quintal da casa de Mariano, ruas, terreiro, porto do Rio e cabine de D. João na nau.

Nota do autor:

É recomendável que os atores se informem sobre essa passagem da história do Brasil para sentir o espírito da época e conhecer os hábitos e costumes do início do século XIX. O dia exato do desembarque de D. João VI e da corte portuguesa foi 08 de março de 1808.

Esta é uma obra de ficção que mesmo sendo inspirada em fatos e em algumas personagens reais da história do Brasil, não tem qualquer lógica correspondente a verdade Histórica.

CENA 1

(Um ruído de engrenagens antecede a entrada de Mariano que tenta controlar uma engenhoca por ele inventada. Uma explosão ensurdecedora desmonta a máquina e atrai a atenção dos pais de Mariano e também da vizinhança e dos transeuntes)

MARIANO: (Saindo da fumaça) Não posso acreditar! Agora, que eu tinha quase certeza de que o cordel da correia dentada iria aguentar... Ah, mas eu não desisto fácil, não! Estou a um passo de conseguir a realização do meu sonho!

(Chegam os pais)

HORTÊNCIA: Ai, minha Nossa Senhora da Lapa! (vendo o filho em frangalhos) MARIANO, meu filho... É você mesmo?

ALBUQUERQUE: Não se pode ter mais um minuto de sossego nesta casa? Mariano, seu imbecil! O que você quer fazer? Explodir a casa? Eu já não tinha mandado você parar com essas brincadeiras ridículas? Se quiser se matar que se mate, mas não me traga prejuízos.

MARIANO: Mas, meu pai... Estava certo que a minha máquina de limpeza dessa vez iria funcionar sem problemas. Deve ter havido alguma falha no balão de distribuição do vapor para a tubulação da proveta!

HORTÊNCIA: Proveta! Que horror!

ALBUQUERQUE: Como você ousa falar uma palavra dessas na frente da sua mãe?

(Chegam os vizinhos e transeuntes)

VIZINHO 1: Graças a Deus vocês estão salvos! Ninguém se machucou?

VIZINHO 2: Pensamos que era o fim do mundo!

MARIANO: Vocês estão exagerando. Foi só uma explosãozinha de nada! Mas agora já descobri onde está o defeito. Assim que a máquina for aperfeiçoada, os senhores verão os benefícios que ela trará. O meu sugador de lixo irá limpar todas as ruas da cidade, livrando-nos de todas as imundices que empesteiavam o ar.

ALBUQUERQUE: Mas que imundices? Quem está se importando com a sujeira? Um pouquinho de lixo não faz mal a ninguém!

MARIANO: Veja bem, pai! Se pudermos melhorar as condições de higiene para todos, criar uma rede de esgotos subterrânea, organizar o despejo do lixo em sítios preparados para este fim, poderemos evitar um grande número de doenças... Será maravilhoso!

HORTÊNCIA: Não desafie o seu pai, Mariano!

VIZINHO 3: Acho que esse menino não é bom da cabeça!

POVO 1: Pra que limpar as ruas se a chuva faz isso de vez em quando?

(Todos concordam)

MARIANO: É por causa desse tipo de mentalidade que a nossa cidade parece um chiqueiro! Não podemos mais conviver com esse despejo diário de detritos nas portas de nossas casas.

ALBUQUERQUE: Eu é que não posso mais conviver com um filho que só pensa em besteiras! Ao invés de trabalhar, para me ajudar a ganhar algum dinheiro para que possamos nos mudar para a Europa o mais rápido possível, fica inventando essas máquinas de assoprar lixo!

MARIANO: Sugar lixo!

HORTÊNCIA: Ah... A Europa!

MARIANO: A Europa está ameaçada por Napoleão. Lá não é um bom lugar para se viver.

ALBUQUERQUE: Fique sabendo, que aqui nesse desterro de colônia, é que não é um bom lugar para se viver. Ou você acha agradável conviver com estes desgraçados e ignorantes? Nunca mais quero ouvir falar em invenções fantasiosas nesta casa! Caso contrário, olho da rua! Compreendeu?

MARIANO: Mas papai, o senhor é quem precisa compreender... (O pai vai embora) Mamãe... A senhora gostou da ideia, não é?

HORTÊNCIA: Não desaponte seu pai, Mariano! (sai)

MARIANO: (Para o povo e vizinhos) Os senhores precisam me ajudar! Se cada um de nós fizer a sua parte e exigir que todos os cidadãos desenvolvam melhores hábitos de higiene poderemos desenvolver um trabalho que no futuro só dará bons resultados. Se continuarmos com esse desleixo, imaginem como será nossa cidade daqui há cem, duzentos anos!

(Todos começam a ir embora fazendo comentários)

VIZINHO 2: É só o que nos faltava! Um doido varrido!

POVO 1: Quem se importa como vai ser a cidade daqui a duzentos anos?

POVO 2: Se eu não jogar o lixo na rua, vou jogar onde?

POVO 3: Nunca ouvi ideia mais besta!

(Apenas Matubaré fica a ouvi-lo)

MARIANO: Esperem! Os senhores precisam me ouvir! Ainda não lhes contei sobre o meu projeto de despoluição das praias e canalização dos córregos! Mas será que ninguém se importa com o nosso futuro?

MATUBARÉ: Eu me importo sim, meu sinhô!

MARIANO: Pois você parece ser o único nestas redondezas; e sinto dizer-lhe que pela sua condição de escravo, pouco poderá me ajudar em influenciar a opinião pública.

MATUBARÉ: Sou escravo muito bom e não gosto de sujeira. Tomo banho escondido, todos os dias.

MARIANO: (Maravilhado) Você toma banho todos os dias? Mas isso é extraordinário! Meus parabéns!

(Chega Ana e dirige-se intempestivamente à Matubaré).

ANA: Seu neguinho safado! Eu te procurando a cidade inteira e o sem vergonha está aqui na conversa fiada! Tu vai é ganhar umas açoitas pra endireitar a conduta! Vamos embora, animal!

MARIANO: Mas o que é isso, madame? Isso são modos de falar com uma pessoa? Tenha um pouco mais de respeito!

ANA: Que absurdo! Esse escravo é meu e o trato da maneira como escravo deve ser tratado. É tudo um bando de vagabundos que não prestam pra nada!

MARIANO: Se não servem para nada, por que não os liberta?

ANA: E, sem essa gentalha, quem vai fazer os serviços? Além do mais eu paguei mais de cento e vinte cruzados por esse negrinho e a sua liberdade não vale tudo isso.

MARIANO: Eu o compro da senhora!

ANA: Se quiser comprar, eu vendo. Duzentos e quarenta cruzados.

MARIANO: Ué? Mas a senhora não disse agora mesmo que vale só cento e vinte?

ANA: Valia! Agora é duzentos e quarenta.

MARIANO: Pois tome aqui o seu dinheiro! Vou comprá-lo e libertá-lo imediatamente. Faz favor de me dar o recibo.

ANA: Faça bom proveito, otário! (sai)

MATUBARÉ: Obrigado por ter me comprado, meu sinhô.

MARIANO: Agora você pode ir-se embora. Você está livre!

MATUBARÉ: Mas eu não quero ir. Quero servir meu sinhô!

MARIANO: Mas eu não quero tê-lo como escravo. Sou contra a escravidão, entendeu?

MATUBARÉ: Mas o sinhô me comprou e Matubaré quer servir o moço que é muito bom.

MARIANO: Então vamos fazer o seguinte: você fica sendo meu amigo e me ajudará a limpar as nossas 46 ruas da cidade.

MATUBARÉ: 46 ruas, 19 largos, 6 becos e quatro travessas!

MARIANO: (Meio surpreso com o conhecimento de Matubaré) É verdade! 19 largos, 6 becos...bem, não importa! Já que a minha máquina não deu certo, vamos fazer o serviço de maneira tradicional, com vassoura e esfregão! Só em último caso agirei com a minha invenção química!

(Nesse momento entra Julia)

Julia: Mariano! Consegui escapar por um instante da minha casa para lhe dizer que compartilho de suas ideias. Gostaria de poder ajudá-lo a acabar com a sujeira da cidade, mas, o mais longe que consigo ir, é até o muro que diante de nossas casas.

(Ouve-se Vidigal chamar por Julia da coxia)

VIDIGAL: Julia! Julia! Onde você está?

JULIA: Preciso ir! Meu pai já notou a minha ausência. (Sai depressa)

MARIANO: Espere um instante! Julia, eu também gostaria de... (Pensando alto) Puxa, ela compartilha os mesmos ideais de limpeza!

MATUBARÉ: Ai, ai... Que lindo é o amor...

MARIANO: O que? Você falou comigo?

MATUBARÉ: Falei nada não, sinhô...

MARIANO: Então não temos um minuto a perder! Mãos à obra, meu querido Matubaré! Começaremos pelo Largo do Rocio e avançaremos em direção à Rua Direita!

(Mariano e Matubaré vão deixando a cena e Abílio surge de um esconderijo, de onde espreitava todas as ações de Mariano)

ABÍLIO: (Falando sozinho) Será que ele descobriu o nosso esquema de corrupção? Esse sujeito é um perigo! É um abolicionista cheio de ideias revolucionárias e ainda por cima, está seduzindo a minha Julia. Preciso agir imediatamente para tirar esse sujeito do meu caminho!

CENA 2

(Mariano e Matubaré estão varrendo as ruas do Rio e atraindo a atenção das pessoas)

MARIANO: Ah, se eu tivesse tido oportunidade de continuar o desenvolvimento da minha máquina, com certeza tudo seria mais rápido e menos cansativo. Com essa quantidade de lixo, vamos levar semanas ou talvez meses.

MATUBARÉ: Eu sou trabalhador, mas não sei se vou aguentar dar conta desse serviço, não sinhô...

MARIANO: Não podemos desistir assim tão cedo. Você verá que assim que dermos o exemplo todos sentirão que o resultado é excelente e honrarão o nosso esforço.

MATUBARÉ: Não queria desapontar o meu sinhô, mas dá uma olhada só...

(Toda a área que havia sido limpa pelos dois, já está suja novamente)

MARIANO: Mas assim não é possível! (Atônito) O nosso trabalho foi em vão? Sujaram tudo de novo!

(Entra o vendedor de jornais gritando a manchete da edição. Mariano fica perplexo com a situação)

VENDEDOR: Extra! Extra! D. João desembarca hoje ao Rio de Janeiro! Navios da Corte portuguesa entraram na baía da Guanabara! Olha o jornal!

(Obs. A entrada dos navios na Baía da Guanabara foi em 07 de março)

MARIANO: Ei, menino! (Pegando um jornal e pagando) Como você pode estar vendendo jornais se a imprensa ainda não foi criada no Brasil?

VENDEDOR: (Ficando meio passado) Não sei explicar não, senhor! Olha o jornal! (sai gritando as manchetes)

(Mariano lê atentamente e Matubaré ouve interessado. João, que estava entre a multidão, aproxima-se de Mariano).

MARIANO: Está sendo aguardado para esta tarde, o desembarque da família real, que pisará em terra firme após três longos meses de viagem. A cidade está em festa e toda a população deve comparecer ao porto para ver de perto o Príncipe Regente e toda a Corte. Espera-se que a Colônia passe para uma nova fase de estímulo à economia e também de grande abertura cultural

JOÃO: (Puxando conversa) Esse D. João é um progressista, cheio de ideias avançadas.

MARIANO: É mesmo? Que tipo de ideias?

JOÃO: De todos os tipos. Gosta tanto das artes como da ciência e não pensa duas vezes em patrocinar projetos arrojados.

MARIANO: Puxa! Então pode ser que nem tudo esteja perdido. É a nossa grande chance de por em prática todos os planos de reforma urbana.

JOÃO: E eu posso ajudá-lo a apresentar suas ideias para D. João. Encontre-me no porto dentro de uma hora. Você só precisará fazer exatamente o que eu mandar e principalmente, sem fazer perguntas.

MARIANO: Mas afinal, quem é você?

JOÃO: (Mentindo, para desviar a atenção de Mariano) Veja! Estão despejando uma tina de cocô bem no meio da rua!

MARIANO: Mas será possível? Onde, que eu não estou vendo?

(Nesse meio tempo, João desaparece na multidão)

MARIANO: Ué! Onde foi parar o homem que queria me ajudar? Você não viu para que lado ele foi, Matubaré?

MATUBARÉ: Não, sinhô! Mas ele quer que o moço o encontre em uma hora no porto.

MARIANO: (Relendo a matéria do jornal) Mas se D. João desembarca daqui há algumas horas, terá uma péssima impressão do Rio de Janeiro. Temos que continuar nosso trabalho e tentar conseguir ajuda! O brasileiro, no fundo não é preguiçoso. Só precisa de um estímulo para encorajá-lo! (Sai varrendo)

MATUBARÉ: (Admirado com a perseverança de Mariano) O que é a juventude!

CENA 3

(Escritório de Vidigal. Abílio relata ao chefe os acontecimentos policiais da cidade, enquanto limpa as botas de Vidigal)

ABÍLIO: Houve uma emboscada para o sobrinho do desembargador Menezes e o principal suspeito é desafeto dele, o capitão Resende.

VIDIGAL: Capitão Resende? Ele é muito meu amigo! Bem... Mande arquivar por falta de provas.

ABÍLIO: Também tivemos 12 assaltos, 8 prisões por vadiagem, duas brigas de faca, um tiroteio sem importância no campo de Santana e apenas dois assassinatos.

VIDIGAL: Isso significa que estamos conseguindo baixar os índices de criminalidade de maneira contundente!

ABÍLIO: Porém, temo que estejamos correndo um grave risco com a chegada de D. João.

VIDIGAL: Como assim? Alguma ameaça política?

ABÍLIO: Pelo que averigui, contra a família Real e também contra nós...mais especificamente contra o senhor.

VIDIGAL: Mas quem ousaria ameaçar o dono da polícia carioca?

ABÍLIO: Temos um revolucionário entre nós. Soube meio por acaso. Estava distraidamente atrás de uns arbustos, quando pude ouvir os planos de “limpeza” da cidade. Isso quer dizer que os nossos esquemas de corrupção e conveniências que são realizados assim, sem maldade nenhuma, poderão tornar-se públicos. Ele é uma ameaça ao nosso projeto de segurança.

VIDIGAL: Ele? Mas, quem é ele?

ABÍLIO: Aquele rapaz esquisito de nome Mariano que é filho do dono do Armazém Europa, o doutor Albuquerque.

VIDIGAL: Mas o Albuquerque é meu vizinho! E esse menino, eu vi crescer...

ABÍLIO: E também já cresceu o bastante para estar interessado em... Bem é melhor não dizer... O senhor vai ficar muito chateado, provavelmente ficará com o dia estragado.

VIDIGAL: Desembucha logo, homem!

ABÍLIO: Bem... Está interessado na senhorita Julia.

VIDIGAL: O que? Mas isso é o cúmulo da ousadia.

ABÍLIO: Eu acho que a senhorita Julia precisa de um marido que seja uma pessoa séria, tenha um bom cargo, seja quase da família. Um pretendente que, acima de tudo, admire o sogro e compartilhe de...

VIDIGAL: Ninguém namora minha filha sem o meu consentimento. Veja o que eu faço com quem se aproxima da minha menina: (Rasga uns papéis) Picadinho! Mande imediatamente alguns guardas para vigiar a minha casa e não deixar que a minha JULIA tenha chances de encontrar esse sujeito. E quanto ao rapaz, quero que você o prenda imediatamente.

ABÍLIO: Mas eu ainda não tenho provas...

VIDIGAL: Nós nunca precisamos de provas para prender alguém. (saboreando a ideia) Traga-o o mais rápido possível. Faça questão de conduzir os interrogatórios pessoalmente.

CENA 4

(João, Ana e Zézinho encontram-se furtivamente)

JOÃO: Ana, Zézinho! Parece que o nosso plano está correndo perfeitamente bem, apesar de ele ter ficado desconfiado do jornal.

ZÉZINHO: Que furo, hein? Nós esquecemos que ainda não tem imprensa aqui! O Mariano é tão distraído, que nem se "Scanneou" Vamos resolver isso logo e se mandar daqui. Mesmo sendo uma viagem **super virtual**, não tô aguentando mais andar descalço.

JOÃO: Onde está o livro?

ANA: Está com o Zézinho.

(Zézinho tira um embrulho com um livro da sacola e entrega para Ana)

ANA: Que tempos difíceis estão vivendo os nossos antepassados! E vocês viram como tratam os escravos?

JOÃO: Espero que o Caio não se meta em nenhuma encrenca.

ANA: Ele sabe se virar.

ZÉZINHO: Eu adoro uma aventura, mas não vejo a hora de estar no conforto da tecnologia da minha casa.

JOÃO: O negócio não pode furar agora! Ana se materializará na cabine do navio do D. Sexto e o convencerá a receber o Mariano, assim que desembarcar..

ANA: Espero que o príncipe não sofra do coração.

ZÉZINHO: Eu também quero ir conhecer o D. Sexto.

JOÃO: Você sabe que é perigoso duas pessoas se desmaterializarem juntas. Sinto muito Zézinho, mas é o nosso futuro que está em jogo!

ANA: (Tirando do bolso um relógio moderníssimo) Nos encontraremos aqui às sete horas. Mesmo que alguma coisa dê errada, seremos levados de volta quando o efeito do extron acabar.

CENA 5

(MARIANO e Matubaré chegam carregados de vassouras. Um monte de desocupados estão espalhados pela cena).

MARIANO: Temos muito pouco tempo, meu amigo! O desembarque deve ser em algumas horas e olha só quanto trabalho.

MATUBARÉ: E o sinhô não pode esquecer o encontro daqui há pouco, lá no porto, com aquele homem.

MARIANO: Qual encontro, Matubaré?

MATUBARÉ: (Ficando preocupado) O sinhô já esqueceu? Aquele homem que prometeu ajudá-lo a encontrar D. João.

MARIANO: Ah, é verdade... Nem sei se vai dar tempo. Além do mais, estou achando toda essa história muito esquisita.

MATUBARÉ: (Ficando mais apreensivo) Mas o sinhô não pode deixar de ir. É muito importante para todos nós.

MARIANO: (Vendo aquela gente sem fazer nada) Veja essas pessoas, Matubaré. Com certeza eles não se recusarão a nos dar uma ajuda. Você verá como a união faz a força!

MATUBARÉ: Santa ingenuidade!

MARIANO: (Chegando-se num dos vadios) Bom dia! Gostaria de convidá-lo a participar do nosso mutirão de limpeza pública, onde você terá sua própria vassoura, inteiramente grátis!

VADIO 1: O que? O senhor está falando comigo?

MARIANO: Isso mesmo! Sei que o senhor poderá nos ajudar a retirar das ruas essa sujeira toda, para quando a família Real desembarcar...

VADIO 1: (Cortando-o e voltando a cochilar) "Natureza mãe! Natureza Amiga! O homem suja, o vento varre, a água lava e o sol enxuga! Entendeu? (Bocejando) Aproveitando que o senhor já está em pé, me aproxime aquela moringa d'água, faz favor.

(Mariano pega a moringa que está quase ao lado do homem. Este, preguiçosamente bebe a água e volta a cochilar).

MARIANO: (Vê outro vadio que está sendo abanado por um escravo) E o senhor? Pode nos dar uma mão na limpeza das...

Vadio 2: Eu não posso dar nada, não... nem lhe alugar o meu escravo. Mas se quiser o meu escravo pode alugar o escravo dele, que no momento está desocupado.

MATUBARÉ: (Para o escravo) Você tem um escravo?

ES CRAVO 1: (Orgulhoso) Comprei um escravo muito bom! Tem todos os dentes na boca, sinhô.

MARIANO: Mas assim não é possível! (Indo para outro vagabundo) Precisamos muito da sua colaboração. O senhor precisa nos ajudar a melhorar o aspecto da nossa cidade e não podemos fazer tudo sozinhos.

VADIO 3: Tu tá me achando com cara de imbecil? Isso não é trabalho pra branco. Se não tivesse tanto calor, eu tomaria isso como uma ofensa.

MARIANO: Vocês são um bando de preguiçosos, indolentes. Pelo visto, ninguém trabalha também...

VADIO 2: Trabalhar pra quê? Com um escravo pra me servir, uma esteira pra deitar um pouco de farinha e água fresca, não preciso de mais nada.

MARIANO: Vocês não querem melhorar de vida?

VADIO 1: Ah, não. Melhorar de vida dá muito trabalho.

MARIANO: (Perplexo) E eu pensando que poderia contar...

VADIO 3: (Cortando) Vê se desaparece, ou então vou ter que arrumar alguém para chamar a polícia.

TODOS OS VADIOS: - Isso mesmo!

- Não se pode nem mais tirar um cochilo sossegado!

- Eu tenho direito de não fazer nada!

- Esse sujeito já está me tirando o sono!

MATUBARÉ: Temos um encontro importante. É melhor a gente ir embora.

MARIANO: Mesmo sendo contra a ética científica, usarei minha invenção mais... Radical! Isso mesmo! Radicalizarei com o meu super deteriorador destringente...

MATUBARÉ: Detergente?

MARIANO: Excelente nome! Detergente Radical!

MATUBARÉ: Mas, o que é isso?

MARIANO: É um volatizador de lixo instantâneo! Ainda não sei ao certo as suas consequências, pois estava relutando em testá-lo... Mas se tratando de uma emergência...

MATUBARÉ: E não será perigoso para as pessoas?

MARIANO: Nada é mais perigoso para as pessoas do que essa lixarada! Veja só! (tirando um vidro, ou tubo de ensaio) Bastam apenas despejar algumas gotas e...

(Acontece uma explosão. Os vadios acordam com as caras cheia de fuligem e levantam-se para cobrir de porrada Mariano e Matubaré).

MARIANO: Ué! Alguma coisa saiu errado. (Para os vadios) Desculpem o transtorno, espero que vocês não tenham levado à mal...

MATUBARÉ: É melhor a gente correr!

(Os dois saem correndo, seguidos pela turma de vadios enfurecidos que gritam “Pega”.)

CENA 6

(Na porta da casa de Mariano, seu pai e sua mãe atendem a polícia, liderada por Abílio. Julia, que já está em prisão domiciliar, vê o momento de guardas da sua janela. Zézinho mistura-se aos curiosos que presenciam a cena).

ABÍLIO: Depois do atentado a bomba contra a população trabalhadora, todas as nossas suspeitas se confirmaram: seu filho é um terrorista!

ALBUQUERQUE: Eu sei que o meu filho não é normal, mas chegar a ser uma ameaça à ordem política... nunca imaginei!

HORTÊNCIA: Não pode ser verdade. Onde foi que nós erramos, Albuquerque?

ALBUQUERQUE: Nós não... a senhora é que criou esse menino com muito fricote. Olha no que deu...

HORTÊNCIA: Deve ter sido o leite daquela ama. Sempre desconfiei que leite de escrava não faria bem para nosso filho.

ABÍLIO: O importante é que temos de encontrá-lo imediatamente. O doutor Vidigal o quer encarcerado antes da chegada do Príncipe, para evitar problemas.

ALBUQUERQUE: Pois aqui ele não está e, se por ventura aparecer, o expulsarei imediatamente. Esse traidor da família e da pátria merece ser degredado para Angola, que deve ser um bom lugar para refrescar as ideias.

ABÍLIO: Concordo plenamente com o senhor. O Rio de Janeiro está entrando numa nova fase de prosperidade com a transferência da família Real. Nada pode atrapalhar essa oportunidade única de...como diria?

ALBUQUERQUE: ...Ganhar dinheiro fácil e tirar o pé da... cidade do Rio de Janeiro.

ABÍLIO: Agradeço a colaboração, mas, por via das dúvidas, deixarei dois soldados vigiando a casa, para evitar pôr em risco a vida de vocês.

HORTÊNCIA: Mas, o Mariano nunca pareceu ser violento!

ABÍLIO: Tenho certeza que ele poderá usar de qualquer meio para alcançar os seus cruéis objetivos. Até a filha do doutor Vidigal está ameaçada por ele. A menina está apavorada, não quer sair de casa e pediu para o pai cercar a casa de soldados para protegê-la.

ALBUQUERQUE: Santo Deus! Isso é o pior que poderia ter acontecido para nossa família!

HORTÊNCIA: Albuquerque! Nosso filho é um monstro! (Chora)

ALBUQUERQUE: (Saindo com ela) Calma, Hortência! A polícia irá pegá-lo, vivo ou morto...(Hortência chora ainda mais)

ABÍLIO: (À parte) O destino está a meu favor. Logo este Mariano estará fora da partida e a senhorita Julia será só minha.

(Dá uma risada maquiavélica e sai com os guardas).

ZÉZINHO: Nosso plano está em perigo! Preciso fazer alguma coisa. Se a polícia prende MARIANO, nossa viagem estará perdida!

(JULIA chama por Zézinho.)

JULIA: Ei, menino! É... Você mesmo! Poderia levar um recado para mim. É caso de vida ou de morte.

ZÉZINHO: Moça, vai me desculpar, mas eu também tô cheio de problema. E já não tô aguentando dar mais nem um passo sem tênis.¹

JULIA: Tênis? Desculpa, mas eu não entendi...

ZÉZINHO: Bem... Não vai dar pra explicar, não.

JULIA: Você sabe quem é o Mariano?

ZÉZINHO: Claro que eu sei quem é o cara! É por causa dele que nós estamos... (se tocando) Sei quem é sim!

JULIA: Faça-me o favor de levar esse bilhete aqui para ele. Ache-o o mais rápido possível. Tome aqui um cruzado pra você.

¹A partir desse momento, o povo do futuro começa a esquecer de tentar falar como se falava no século XIX.

ZÉZINHO: (Pegando o bilhete e recusando o dinheiro) Não quero esse dinheiro não. Não vai me servir pra nada! Pode ficar desmentalizada que eu o encontrarei, O.K.? Minha vida também depende disso. (Sai)

JULIA: Que garoto estranho! Parece ser um dos nossos... talvez um futuro defensor da nossa cidade!

CENA 7

(MARIANO e Matubaré estão varrendo a cidade).

MATUBARÉ: Não vai adiantar a gente continuar com esse esforço! Estamos trabalhando há horas e não se nota a menor diferença.

MARIANO: Não desista agora! Essa sensação de que o nosso trabalho não aparece, é normal, devido ao acúmulo de lixo! Nada me impedirá de trazer uma aparência mais humana à nossa cidade.

(Zézinho chega correndo).

MATUBARÉ: Zézinho! o que aconteceu?

ZÉZINHO: (Para Caio/Matubaré) Caio...Estamos em perigo. A polícia...

MARIANO: Vocês se conhecem? (Eles se entreolham) O que aconteceu? Alguma coisa grave?

(Zézinho entrega o bilhete de Julia. Mariano lê).

MARIANO: O meu pai pôs toda a polícia a sua procura. Eu também estou sendo vigiada e não posso mais sair de casa. Desconfio que o ABÍLIO tenha inventado alguma mentira suja para meu pai sobre você. Esconda-se o mais rápido possível. Assinado: Sua Julia. (Apaixonado) Você ouviu Matubaré? Sua Julia!

MATUBARÉ: (Em pânico) E agora, Zézinho? A cidade vai ficar cheia de polícia. Temos que escondê-lo até a hora do encontro!

ZÉZINHO: Eu sei de um lugar! Passei agora mesmo por lá. É um terreiro onde os escravos passam a folga. Ficamos amigos. Nenhum branco teria coragem de ir lá.

MATUBARÉ: E como foi que você foi parar lá?

ZÉZINHO: Foi por causa do ritmo. Depois você irá entender! O importante é que ali, teremos tempo de bolar um jeito de Mariano chegar até o porto, sem levantar suspeitas.

MATUBARÉ: (Para Mariano) Temos que tirá-lo do programa, imediatamente.

MARIANO: Eu não posso mais esconder esse amor. Vou hoje mesmo falar com o pai dela e...

MATUBARÉ: Ouça bem, Mariano. Você precisa vir conosco e me prometer fazer tudo o que pedirmos.

MARIANO: Mas eu preciso encontrar Julia e falar sobre o meu amor...

MATUBARÉ: Depois você fala! O seu futuro, o futuro da Julia e, a longo prazo, de toda a população do Rio de Janeiro, depende disso.

ZÉZINHO: Mais de 240 anos! Isso é que podemos chamar de “bem a longo prazo”!

MARIANO: Mas, afinal, quem são vocês?

MATUBARÉ: No momento certo, você saberá!

CENA 8

(ANA está com o desmaterializador. Ela liga o aparelho e desaparece num efeito de luz).

CENA 9

D. João está na sua cabine (ou em algum lugar isolado) do navio. Escreve um diário, apontamentos sobre a viagem.

D. JOÃO: Quando os navios entraram na baía da Guanabara, pudemos admirar a beleza que esta cidade tem. A sua natureza deslumbrante abraça-nos com uma benevolência jamais vista. Apesar de estar preocupado com a minha mãe, D. Maria que a cada dia que passa, mergulha mais fundo na sua loucura, e também com toda essa desagradável situação política, pressinto que este lugar tão mágico, me reserva ainda muitas surpresas...

(Neste momento, Ana materializa-se perto de D. João).

D. JOÃO: Santo Deus! O que é isso? (Gritando) Guardas! Guardas! Quem é a senhora? O que quer?

ANA: Antes de tudo, calma! E silêncio, caso contrário eu desaparecerei assim como apareci e você será tratado como louco, igual a sua mãe.

D. JOÃO: Como ousa falar dessa maneira com o Príncipe Regente? Você deve ser uma enviada de Napoleão...

ANA: Nada disso, pode ficar tranquilo. vim em paz e estou aqui para convocá-lo a se unir conosco numa luta que atravessará os séculos para transformar o Rio de Janeiro na melhor cidade do mundo!

D. JOÃO: Mas isso tudo é inacreditável!

ANA: Eu faço parte de uma equipe que veio do ano 2050 e contamos com a sua colaboração. Historicamente sabemos que Vossa Majestade foi, ou melhor, será um apaixonado pela nossa cidade. Apesar de cometer muitos erros na sua administração, o Brasil receberá, a partir de agora, muitos benefícios. Alguns projetos da nossa cidade, precisarão ser iniciados imediatamente. Pedimos para que eleja uma pessoa como conselheiro de obras públicas. Seu nome é Mariano Albuquerque. É um jovem com ideia avançadas e também foi escolhido para uma missão que será de imprescindível utilidade para nós no futuro.

D. JOÃO: (Viajando) O futuro! (Caindo em si) Mas que provas a senhora me dá de que tudo isso não passa de um golpe?

ANA: Primeiro precisará jurar que, assim que desembarcar, você... quero dizer, Vossa Majestade irá trazer para junto de si esse rapaz, o Mariano, e promover os seus projetos.

D. JOÃO: Eu prometo pela Coroa Real!

ANA: (Dando-lhe o livro) Esta é a maior prova de que falo a verdade.

(D. João pega o livro. É um daqueles livros sobre a cidade do Rio de Janeiro, com algum título que mostre tratar-se da história e costumes da cidade, do início do século XIX até o final do século 20).

ANA: Vossa Majestade poderá conhecer um pouco do futuro anterior do qual viemos. Pena que a maioria das coisas que ai estão, foram destruídas em nossa época e é por isso que estamos realizando essa missão. Temos que mudar o nosso futuro!

D. JOÃO: Mas é maravilhoso! Nunca poderia imaginar!

ANA: Apenas lhe peço para que destrua esse livro quando acabar de vê-lo. Se cair em mãos erradas, não sabemos que consequências poderão haver.

(ANA começa a desintegrar-se enquanto D. João folheia o livro).

D. JOÃO: (Deslumbrado) Bondinho do Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Ponte Rio Niterói, Praia de Copacabana...esta cidade será maravilhosa!

CENA 10

(Terreiro da “folga” dos negros. Um “batidão” embala uma coreografia “Funk”, que Zézinho ensinou aos escravos. Mariano assiste entusiasmado, enquanto Matubaré está preocupado com o encontro no porto).

MARIANO: Mas é fantástico. Esse tipo de manifestação cultural pode-se transformar num fenômeno. É uma coisa contagiante. Poderíamos organizar grandes bailes, onde esse tipo de música tribal funcionaria como válvula de escape de tantas injustiças e preconceitos sofridos por essa gente.

MATUBARÉ: Escuta aqui, ô Mariano. Nós temos quinze minutos para chegar ao porto. Temos que dar um jeito de você ir disfarçado para não ser reconhecido pela polícia.

MARIANO: (Fazendo uns desenhos) Poderíamos criar um vestuário todo específico para esse tipo de dança. Umas calças grandes e folgadas, cortadas na altura das panturrilhas. Muitos cordões no pescoço, simbolizando a escravidão a que são submetidos e talvez um tipo de chapéu coco com uma aba só, virada para trás.

MATUBARÉ: (Vendo o desenhos) Mas esse sujeito é um visionário!

(Um negro entra correndo gritando palavras em nagô. Arma-se uma correria desesperada e todos os escravos saem correndo).

ZÉZINHO: Mas o que está acontecendo com essa gente?

MATUBARÉ: É a Polícia! Vamos fugir!

(Chega a polícia).

GUARDA 1: Todos parados!

GUARDA 2: Se alguém se mexer, leva pólvora!

ABÍLIO: (Entrando) Ah...cá estão os nossos traidores. São tão ingênuos que vieram se esconder onde mais chamariam a atenção... No terreiro da “Folga”! Dois branquelos no meio dessa negrada! Acredito que pensavam poder sublevar-se contra a ordem social e as autoridades, bem nas barbas da melhor polícia que esta cidade já teve.

MARIANO: (Se revoltando) Seu desgraçado! O que você andou dizendo para o pai da JULIA a meu respeito?

ABÍLIO: JULIA? (Dando-lhe um safanão) Não admito que ninguém se dirija a minha futura esposa nestes termos! É “Senhorita Julia”, ouviu?

MATUBARÉ: Queremos um advogado.

ABÍLIO: Vejam só! O negro quer um advogado! Fique sabendo que aqui não adianta ter advogado, por que nós somos a lei. O major Vidigal é a Lei, Juiz supremo e aqui não adianta ter testemunhas, nem provas ou processos. Muito menos um advogado! (para os guardas) acorrente-os imediatamente!

ZÉZINHO: Lá se foi o nosso plano de salvar o futuro!

MATUBARÉ: Nada poderia ser pior: ir em cana no século XIX!

(Neste momento, todos são surpreendidos com a chegada dos índios cariocas, que precedem a entrada do Xamã da tribo).

GUARDA 1: São os índios cariocas!

GUARDA 2: E estão com pintura de guerra!

ABÍLIO: Mas que inferno! Pensei que a gente já tivesse se livrado desses animais!

Os guardas se colocam em posição de ataque, mas quando veem a entrada do feiticeiro ficam amedrontados. Abílio se espanta com a reação da tropa.

GUARDA 3: Vejam! É o feiticeiro!

ABÍLIO: Que quê há? Estão com medo desses macacos? Bando de covardes!

GUARDA 4: Eles estão pintados para a guerra!

XAMÃ: Recebi mensagem dos espíritos da terra para libertar prisioneiros!

ABÍLIO: Libertar prisioneiros? Isso deve ser uma piada. Conta outra...

XAMÃ: Grande maldição dos deuses, cair sobre homens brancos que não obedecer mensagem sagrada!

(Todos os guardas saem correndo).

ABÍLIO: Voltem aqui, seus vagabundos, caga botas!

XAMÃ: (Para Mariano, Matubaré e Zézinho) Ir depressa para encontrar cacique que vem do mar!

MATUBARÉ: Vamos embora, gente! (Eles fogem)

ABÍLIO: Mas isso é o cúmulo! Você não pode soltar os meus prisioneiros! Eu sou a autoridade aqui!

XAMÃ: Homem branco é sangue ruim. (Meio em transe) Posso ver castigo que os espíritos preparam: depois de ouvir grande trovão dentro da cabeça, ficará tudo branco. É a vingança dos deuses!

(Todos os índios começam a sair).

ABÍLIO: Eu não tenho medo nem de espírito, nem de assombração, ouviu? Vou acabar com a raça de vocês! Selvagens ignorantes! (Grilado) O que será que ele quis dizer com “Trovão na cabeça e ficar tudo branco”?

CENA 11

(JULIA está desesperada com a falta de notícias de Mariano).

JULIA: Meu Deus! O que será que está acontecendo com o Mariano? Tudo está muito quieto e isso não é bom sinal! Vou encontrá-lo de qualquer jeito! Nem que por isso, acabe trancafiada num convento!

(Vai até onde cochilam os guardas que foram escalados para vigiá-la e, numa sequência de ações de suspense cômico², consegue escapar).

CENA 12

²Alguma coisa meio circo ou tipo comédia da época do cinema mudo.

(ANA e João estão misturados a multidão que aguarda impaciente, o desembarque de D. João, com a família Real. Estão em lugares opostos e disfarçadamente falam entre si num walk talk. Vidigal está comandando pessoalmente o policiamento do desembarque).

ANA: João! Estou ficando preocupada! Eles já deveriam ter aparecido!

JOÃO: Calma, Ana! Você sabe que esse Mariano é meio enrolado! Fica tranquila que eles devem estar chegando.

(Um bêbado começa a observar João e estranha o fato de ele falar no walk talk).

ANA: O problema é que a gente não tem muito tempo. O efeito da viagem vai durar pouco agora.

JOÃO: Também não sei por que esses pombas não desembarcam logo?! Talvez ajudasse a agilizar as coisas.

ANA: Me deixa dar uma olhada rápida... (Olhando por um binóculos ultra moderno) Eles já estão vindo. Servida é D. João... Aquela mulher do lado dele deve ser a Carlota e, a coroa toda de preto, deve ser a D. Maria.

JOÃO: Preciso tentar registrar isso. Vou acoplar a mini câmera no chapéu e gravar tudo em zoom. Qualquer imagem que eu conseguir gravar, será muito útil para os historiadores. Vou desligar. Câmbio.

(João acopla o pequeno aparelho no seu chapéu (ou gola do casaco) e o bêbado que ou toda a conversa dá mais um gole e vai cambaleando em direção à Julia. O povo se excita com a chegada da Corte).

JULIA: Quero atenção redobrada! A família Real está vindo para o porto. Qualquer um que pareça suspeito, primeiro a gente prende e depois pergunta.

Bêbado: Eu Julia um suspeito ali... que fala com uma caixinha preta e pendurou um negócio estranho embaixo do chapéu, com umas luzes pequenas que piscam e...

(Julia Digal faz um sinal e os guardas levam o bêbado).

Bêbado: Ei! Esperem... Só quero ajudar... Eu juro que Julia um sujeito esquisito... é verdade...

ANA: (chamando pelo walk talk) João! Eles chegaram! Estão vindo pelo sudoeste, 63° à sua direção. Parece que tudo vai ser perfeito. Vá ao encontro deles e depois entrem na fila do beija mão. É o único jeito de vocês fazerem contato direto com o príncipe. O barco está chegando ao cais.

(Mariano, Matubaré e Zézinho tentam passar entre as pessoas, procurando João).

ZÉZINHO: Quanta gente! Parece até um Fla x Flu!

MATUBARÉ: (Para Mariano) Caso o nosso plano dê certo, você será um dos maiores beneficiados!

MARIANO: Nosso plano? Desculpe, mas não estou entendendo...

ZÉZINHO: Olha o João ali!

(O povo começa a gritar e aplaudir a chegada da família Real).

POVO: Viva o Príncipe Regente!

- Viva!

- Viva D. Maria!

- Viva a princesa D. Carlota!

(Vidigal vê Mariano).

VIDIGAL: Mas não é possível! Olha o Mariano Albuquerque! Esse Abílio é mesmo um incompetente! (Gritando) Guardas! Prendam aquele rapaz! (Vê D. João que entra em cena seguido por uma assustada família Real) Esperem! O príncipe chegou! Não podemos causar má impressão à primeira vista! Fiquem por perto e aguardem meu sinal para prendê-lo.

(Ana está por perto e ouve a ordem de Vidigal. Usa o walk talk para avisar João).

ANA: João! A polícia já viu vocês! Estão preparando um bote! Chegou a hora de arriscar tudo. É agora ou nunca!

JOÃO: Espero que a sorte esteja do nosso lado. Fique atenta. Em último caso, usaremos a bomba de gás lacrimogêneo, mesmo correndo o risco de mudar a história do Brasil!

(Os guardas se movimentam para perto de onde se encontra Mariano).

POVO: Viva D. João Viva!

Viva! (Etc.)

(D. João entra trazendo o livro, ajoelha-se e beija a Santa Cruz. As autoridades furam a fila dos cumprimentos e cercam a família Real. Julia encontra Mariano).

JULIA: Mariano!

MARIANO: Julia! O que você está fazendo aqui?

JULIA: Graças a Deus eu te encontrei. Você está em perigo! Precisamos fugir juntos, ir para o sertão!

MARIANO: Estou com esses amigos que prometeram me ajudar. Devo confiar num plano que eles tem para... bem, na verdade não sei direito ainda...

JOÃO: Você chegou numa péssima hora. Fique calma e colabore conosco. (Para Mariano) Mariano, aconteça o que acontecer, não reaja e nem fuja. Estaremos por perto para qualquer emergência. Se tudo correr como esperamos, nos encontraremos em uma hora na Rua do Piolho e lhe explicaremos tudo.

JULIA: Vejam! É meu pai! Estamos perdidos!

MATUBARÉ: Entrem na fila! Rápido!

(Mariano e Julia entram na fila do beija mão tentando esconder os rostos. Carlota já se enamora por alguém. D. Maria está intrigada em saber que livro é esse que D. João não larga de jeito algum. Vidigal se apresenta ao príncipe).

VIDIGAL: Em nome da polícia da cidade do Rio de Janeiro, desejo as boas Vindas ao nosso querido príncipe.

D. JOÃO: Ah! Então o senhor é o chefe da polícia local... Pois veio-me a calhar!

VIDIGAL: Estou às suas ordens, majestade!

D. JOÃO: Quero que me encontre imediatamente um rapaz chamado Mariano Albuquerque. É o nosso futuro que está em jogo.

VIDIGAL: Estou perplexo como Vossa Majestade é bem informada! Parece que adivinhou nossas intenções de...

D. JOÃO: Esta cidade é pequena, não deve ser difícil localizá-lo!

VIDIGAL: Eu o tenho nas mãos, majestade! Veja! Ali está ele... (Vendo Julia e ficando perplexo) Junto da minha filha? (dando o sinal) Guardas! (à parte) Essa menina vai ver só uma coisa!

D. JOÃO: É sua filha? Mas que beleza! Formam uma linda parelha!

VIDIGAL: Como assim? Não estou lhe entendendo...

(Os guardas arrastam Mariano. Julia fica desesperada e bate nos policiais. D. João fica indignado).

D. JOÃO: Mas que maneira terrível de se tratar as pessoas! (Para os guardas) Soltem esse rapaz. É uma ordem! Ele é meu protegido e terá um lugar de destaque na minha administração.

VIDIGAL: Mas...Vossa majestade...deve haver algum engano!

D. JOÃO: (Para Mariano) Que imenso prazer conhecê-lo. Temos muito que conversar.

MARIANO: O prazer é todo meu, Alteza!

D. JOÃO: (Para Julia) E qual é nome de tão bela moça?

JULIA: Julia, a seu dispor, Majestade!

D. JOÃO: Faço questão de ser o padrinho deste casamento. Realizaremos a festa no meu palácio.

VIDIGAL: Mas... mas...majestade...não é exatamente o que Vossa Alteza imagina...

JULIA: Queremos nos casar o mais rápido possível!

D. JOÃO: Acompanhem-me! Vamos nos livrar logo de todo esse cerimonial. Não vejo a hora de podermos conversar em paz e idealizar nossos projetos.

(Vidigal, mesmo contrariado com a situação, prepara-se para ir junto. D. João o interpela).

D. JOÃO: O senhor não! O assunto que tenho que tratar com esse jovem é particular. Além disso, quero que o senhor providencie acomodações para os 15 mil nobres que se mudaram conosco para o Brasil.

VIDIGAL: 15 mil? Bem... Com licença, Majestade! Vou providenciar agora mesmo...

(D. João sai com Mariano e Julia, seguidos pela corte portuguesa que reclama da sujeira.

Carlota: Mas que sujeira de cidade! Esse ar é irrespirável! Já Julia que vou detestar esse lugar!

Corte 1: E esse calor dos infernos, então?

Corte 2: Por Nosso Senhor Jesus Cristo! Que gente horrível!

(A corte sai, seguida pelo povo. Ana, João, Caio/Matubaré e Zézinho comemoram).

JOÃO: Conseguimos, pessoal!

ANA: Vamos finalizar a operação e voltar o mais rápido possível.

MATUBARÉ: Puxa! Realmente os deuses da terra estão a nosso favor!

CENA 13

(Abílio está a espera de Vidigal).

ABÍLIO: Que enrascada! Perdi meu prisioneiro, perdi a chegada da família Real, Julia escapou da guarda que estava sob a minha responsabilidade e ainda por cima terei que inventar alguma justificativa...

(Vidigal entra de cara amarrada e raspa a garganta para ser notado).

ABÍLIO: Meu querido chefinho! O doutor não sabe com que impaciência aguardava a sua chegada.

VIDIGAL: Ah, é? Por quê?

ABÍLIO: O senhor nem imagina... Consegui prender aquele Mariano quando fomos atacados por mais de 5 mil índios que saíram da mata e arrancaram o rapaz de nossa guarda! Disseram que iam ferver o nosso prisioneiro em azeite de carnaúba e nós ficamos indignados com esse tipo de maldade! Lutamos corpo a corpo com os selvagens, mas como eram em número maior...

VIDIGAL: Ferver em azeite de carnaúba, heim? Sei, sei... e o que mais?

ABÍLIO: Ficando ocupado com esse incidente, a segurança montada em sua casa para manter Julia presa... quero dizer, a salvo... ficou sem a minha liderança e provavelmente os guardas ficaram com dó da menina, que tanto queria ver a chegada da família Real, e a deixaram sair...

VIDIGAL: Ficaram com dó da menina...

ABÍLIO: Esses guardas são muito católicos e emotivos.

VIDIGAL: Que belezinhas! (Ficando ensandecido) Pois fique o senhor sabendo que esse Mariano não só estava livre e solto no desembarque de D. João, como também aos namoricos com a minha filha! O Príncipe deu um cargo importante e um título de nobreza para esse pirralho, e o pior de tudo: irá casá-lo o mais rápido possível com a minha Julia! (Chora)

ABÍLIO: Casar com a senhorita Julia!

VIDIGAL: Isso mesmo! E tudo por sua culpa!

ABÍLIO: Perdão, chefinho! Eu juro que eu tentei fazer tudo como o senhor mandou.

VIDIGAL: O senhor é um lambe botas, mentiroso e incompetente! Está despedido!

ABÍLIO: O senhor não pode fazer isso comigo...

VIDIGAL: (Chamando) Saldanha! (Entra Saldanha e Vidigal arranca o brasão do paletó de Abílio) (Para Saldanha) A partir desse momento, o senhor está promovido a primeiro assistente do chefe de polícia. (Pendura o distintivo no paletó de Saldanha)

SALDANHA: Muito me honra, doutor!

VIDIGAL: Reúna o regimento para irmos às ruas retirar os moradores das melhores casas da cidade. Precisamos alojar os nobres portugueses em 24 horas.

SALDANHA: Sim senhor, chefe!

VIDIGAL: (Referindo-se a Abílio) Aproveite para despejar o lixo na rua!

SALDANHA: Com muito prazer, doutor!

(Agarra Abílio pelos colarinhos e puxa-o para fora de cena).

ABÍLIO: Isto é uma injustiça! Eu hei de provar que esse Mariano é um conspirador e terei meu cargo de volta! O senhor verá! Esse sujeito é um perigo!

VIDIGAL: (Refletindo) Minha filha casada com esse rapaz... Até que a ideia desse matrimônio já não parece tão má! Com todo esse misterioso xodó que D. João tem por ele, quem sabe não conseguirei criar a minha tão sonhada Intendência Geral de Polícia! Lucro e poder!

CENA 14

(Aqui se desenvolverão duas ações paralelas em diferentes ambientes. Enquanto D. João conversa com Mariano, D. Maria procura o livro que D. João ganhou dos viajantes do tempo).

MARIANO: Todas as tentativas foram em vão. A cidade continua imunda, as pessoas depositando todos os tipos de detritos nas ruas. Penso Majestade, que só com um trabalho contínuo de canalização dos esgotos e coleta de lixo permanente, poderemos transformar os hábitos da população.

D. JOÃO: Sei que a sua preocupação em limpar a cidade poderá ajudar a diminuir as doenças que assolam os cidadãos, mas preciso lhe alertar que, talvez, só daqui há um século, teremos condições de realizar um projeto tão avançado assim.

(D. Maria está na cena paralela, encontra o livro e começa a olhá-lo, perplexa).

D. JOÃO: Porém fiz uma promessa e irei cumpri-la! Destinarei uma verba para que você desenvolva um projeto que lhe pareça útil! (Vendo que Mariano está meio decepcionado) Eu também tenho os meus sonhos! Gostaria de construir já, uma ponte sobre o mar, até Niterói. Erguer uma estátua gigantesca do Cristo Redentor no alto do corcovado e também um bonde aéreo que ligasse o morro da Urca ao Pão de Açúcar!

(Na cena paralela):

D. MARIA: Não pode ser verdade! Ponte Rio Niterói! Túnel Rebouças, Linha Vermelha! Aeroporto Internacional do Galeão? Mas isso é uma loucura!
(Na cena de D. João e Mariano).

MARIANO: Mas isso seria maravilhoso! Essas ideias são as melhores que alguém poderia ter, Majestade!

D. JOÃO: Porém, são ainda impossíveis de realizar! Não podemos atropelar o tempo! Temos que ter paciência! Farei apenas as melhorias a que me atribuem o crédito: uma Biblioteca Real, uma escola anatômica, Cirúrgica e Médica, a Imprensa Régia e até um Horto Real!

MARIANO: Um Jardim Botânico?

D. JOÃO: Exatamente! E muitas coisas mais! Alguns desses projetos ficarão sob a sua responsabilidade!

MARIANO: Obrigado, Majestade! Será uma honra!

D. JOÃO: Agora vá ao encontro de sua noiva para iniciar os preparativos do casamento.

MARIANO: Gostaria de lhe fazer um pedido pessoal! A casa de meus pais é uma das que recebeu o carimbo do Príncipe Regente na porta. Pediria à Vossa Majestade que os deixasse continuar morando ali.

D. JOÃO: Mandarei que retirem o carimbo imediatamente! Dou-lhe a minha palavra!

(A luz dessa cena se apaga, a atenção desvia-se definitivamente para a cena paralela de D. Maria que dá sinais de loucura irreversível, causada pelo livro).

D. MARIA: (Lendo) “...Então, D. Maria ficou completamente louca e D. João tornou-se Rei...” Não pode ser! Eu, louca? Preciso destruir esse livro do diabo antes que alguém mais o veja! (Rasga ou queima o livro) O mal está entre nós! Vade Retro, Satanás! (Ri e chora ao mesmo tempo) Ciclovía da Lagoa... Aterro do Flamengo... Eu nunca ficarei louca! Nunca!

CENA 15

(Na porta da casa de Mariano, Seus pais começaram a mudança da casa, Quando chegam os guardas para retirar o selo (carimbo) com as iniciais do Príncipe Regente. Saldanha comanda a operação).

HORTÊNCIA: Albuquerque Venha ver, Albuquerque!

ALBUQUERQUE: O que foi mulher?

HORTÊNCIA: Um milagre, Albuquerque! Estão retirando o selo. Não precisaremos mais mudar de casa!

ALBUQUERQUE: Eu sabia que com a minha influência, conseguiria ser atendido pelo Príncipe.

SALDANHA: Poupar a sua casa do despejo, foi um pedido do Marquês Mariano de Albuquerque.

HORTÊNCIA: Mariano?

ALBUQUERQUE: Marquês?

SALDANHA: O Príncipe o condecorou ainda há pouco.

HORTÊNCIA: Meu filho é Marquês! Faremos parte da corte!

ALBUQUERQUE: Eu sempre disse que esse menino ia longe!

CENA 16

(Mariano e Julia encontram Ana, João, Matubaré e Zézinho, que se preparam para regressar ao futuro).

MARIANO: (Entrando com Julia) Desculpem o atraso, amigos. É que está acontecendo tanta coisa ao mesmo tempo e ainda estamos meio aparvalhados... (Reconhecendo Ana e notando as roupas estranhas) Mas foi você que me vendeu o Matubaré...

JOÃO: Vamos explicar tudo a vocês. Só não o fizemos antes, pois estávamos em situação de risco também.

MATUBARÉ: Meu primeiro nome é Caio... (Apresentando a equipe) João é o líder da expedição, Ana e Zézinho.

JOÃO: Nós somos viajantes do tempo. viemos do ano 2050 para conseguir que você tivesse condições suficientes para realizar um projeto para nós.

JULIA: Do futuro? Como pode ser isso?

MARIANO: E por que vocês me escolheram?

ANA: Outras equipes já estiveram aqui pesquisando anteriormente e escolheram você por ser a pessoa mais arrojada e com melhores condições de compartilhar o nosso segredo.

JULIA: Mas isso é magnífico! Eles possuem uma máquina do tempo.

JOÃO: Não é bem uma máquina do tempo, pois se trata de uma droga chamada Extron, que quando usada em conexão a simuladores super virtuais, nos faz viajar no tempo, projetando uma cópia do nosso corpo físico, quase real! Praticamente vivemos através desta cópia digital.

MARIANO: Quer dizer que vocês não são reais?

MATUBARÉ: Poder-se-ia dizer que somos uma alucinação em carne e osso!

ANA: Temos poucos minutos agora, pois o efeito da droga irá terminar e seremos sugados de volta pelo equipamento do laboratório. (Pegando uns papéis) Precisamos que você construa uma sala secreta, sob o solo desse terreno indicado aqui no mapa. Tudo terá que ser como está aqui na planta. A sua tão sonhada rede de esgotos, só será construída pelo seu neto, e passará quase encostada a ela. Isso nos dará acesso direto à sala.

MATUBARÉ: Daqui a quase dois séculos, este será o lugar estratégico para tentarmos salvar a vida de um homem que é a nossa única chance para que o nosso futuro tenha outro destino.

JULIA: Meu Deus!

ZÉZINHO: (Colocando um walkman) Mas isso já é outra história. Vamos embora logo, gente!

MARIANO: É um dever ajudá-los! Farei o melhor possível!

ANA: Então a nossa missão está cumprida! (Devolvendo-lhe o dinheiro da venda de Matubaré) E este dinheiro que você pagou pelo Caio, será útil para o casamento de vocês.

(Neste momento, surge Abílio, apontando uma garrucha para todo o grupo)

ABÍLIO: Ninguém se mexa! Mãos para o alto! Sabia que mais cedo ou mais tarde eu iria flagrá-los conspirando! Agora ninguém mais terá dúvidas que um golpe político vem sendo tramado por vocês!

JULIA: Calma Abílio! Na verdade, é o contrário! Estamos tentando melhorar a vida de todos nós.

ABÍLIO: A situação está a meu favor agora. (Para Julia) Para protegê-la, não contarei para seu pai que a encontrei entre os inimigos da Coroa Real. Claro que você terá que retribuir... Casando-se comigo!

MARIANO: Só por cima do meu cadáver! (João, Caio, Julia e Ana, seguram Mariano)

ABÍLIO: (Para Zézinho e referindo-se ao walkman) Que arma estranha é essa? Vamos... Passe-a devagar... Qualquer movimento brusco, eu atiro para matar!

(Zézinho dá o walkman).

ABÍLIO: Agora tenho a prova definitiva. Uma arma incomum! Deve ser coisa dos franceses.

ZÉZINHO: Japoneses!

ABÍLIO: Diga como funciona... (Ameaçando)...vamos...não tenho tempo a perder!

ZÉZINHO: Tem que colocar os fones e apertar esse botão de baixo. (Abílio coloca os fones)

ANA: Gostaria de explicar que isso não é uma arma.

ABÍLIO: Não é arma, heim? Pois então veremos...

(Liga o walkman e um som altíssimo de uma música agressiva e estranha do futuro toca no último volume. Abílio se retorce e tem convulsões malabarísticas. Todos pulam sobre Abílio e o dominam. Zézinho recupera seu Walkman).

MARIANO: Mas o que foi que deu nele! Que aparelho é esse?

JOÃO: É apenas uma máquina que reproduz música!

MATUBARÉ: O choque foi muito grande! Esse tipo de música que o Zézinho escuta, foi demais para ele!

(Mariano e Julia continuam acudindo Abílio que acorda).

ABÍLIO: Quem sou eu? Onde estou? Quem são vocês?

JULIA: Nós somos amigos e vamos te ajudar!

MARIANO: (Tendo uma ideia) Mas é claro! Escuta só, Abílio... Você é a pessoa mais importante da cidade...

ABÍLIO: Sou mesmo?

MARIANO; Você foi escolhido pelo Príncipe Regente para ser o... (Cochicha no seu ouvido)

ABÍLIO: Que maravilha! Que missão importante que o Príncipe me deu! Começarei agora mesmo!

JULIA: (Repreendendo-o) Mariano! O que você falou para esse pobre homem?

MARIANO: (Disfarçando) Ora... Nada demais... Você vai ver!

ANA: (Para o seu grupo) Vocês já estão sentindo?

ZÉZINHO: Puxa... Até que enfim!

JOÃO: O meu corpo-cópia já está formigando!

MATUBARÉ: Futuro: Aí vamos nós!

(Um som extraordinário e um efeito de luz dão um corte rápido na cena).

CENA 17

(Ouve-se música e falatórios e gargalhadas. A cena abre-se na festa de casamento de Mariano e Julia. Albuquerque está bêbado cambaleando entre as pessoas. Carlota está tagarelando com o D. João).

Carlota: Agora que sua mãe ficou louca de vez e você será coroado Rei, tenho algumas exigências a fazer... Quero uma carruagem nova... Um palácio de verão só para mim, férias conjugais e... (Vendo-o absorto) João! Você está me ouvindo?

D. JOÃO: Rio! Cidade Maravilhosa!

Carlota: Credo em cruz! Essa terra está deixando todo mundo de miolo mole!

(Julia e Mariano chegam e todos aplaudem).

TODOS: Viva os noivos! Viva!

MARIANO: (Para Julia) Dois Joãos mudaram nossa vida! Agora temos um futuro todo pela frente, com muitos filhos e muitos netos!

(Vão se beijar, quando Julia vê Abílio que chega varrendo o chão e juntando o lixo. Julia o observa perplexa).

JULIA: Ele está fazendo a limpeza pública! (Repreendendo, mas aprovando) Mariano!

MARIANO: Nunca devemos desperdiçar um voluntário para a nossa campanha contra o lixo! E o melhor, estamos inaugurando uma das profissões mais dignas do mundo: a de Lixeiro!

JULIA: Seu danado!

MARIANO: Eu te amo!

(Beijam-se apaixonadamente).

Música final:

O TEMPO É UM INVENTO DO HOMEM
OS DIAS VÃO PASSANDO
A CIDADE CRESCE, SURGE DO NADA
E DESAPARECE
O NOSSO PASSADO VAI
FICANDO CADA VEZ MAIS LIMPO
E O NOSSO PRESENTE SERÁ MAIS LINDO!

F I M

Rio de Janeiro, Janeiro de 1996

Obs.



O Passado a Limpo

Texto de Rogério Blat

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato do Autor: blat.rlk@terra.com.br

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Informações sobre o texto:

Este espetáculo, com direção de Ernesto Piccolo, estreou em junho de 1996 no Teatro Gonzaguinha do Centro de Artes Calouste Gulbenkian, dentro do programa realizado pelas Oficinas de Criação de Espetáculo.